

WICCA: UM PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES CULTURAIS

Karina Oliveira BEZERRA¹

Para o humano primitivo, toda a vida era um enigma. Tudo o que o circundava era envolto em mistério, mas o da fertilidade era o que mais o deixava perplexo. O homem observava que a barriga das mulheres crescia, e, ao fim de muitas luas, delas surgia um novo membro da tribo, pequeno, mas que se desenvolvia com o passar do tempo. Os animais também tinham filhotes, e isso garantia o alimento das futuras gerações.

A mulher, aquele enigmático ser, que sangrava a cada lua e não morria, que nutria os pequenos com leite que manava de seu próprio corpo, era a responsável pela continuação da tribo. Sem ela a nova vida extinguir-se-ia. Não é, portanto, difícil de compreender o porquê de ter surgido desde o paleolítico o culto à Deusa mãe. O humano primitivo notou que a mulher e a natureza compartilhavam entre si o grande papel da maternidade.

Os arqueólogos descobriram diversas estatuetas do período paleolítico representando figuras femininas. Essas obras estão espalhadas por diversas regiões da Europa, em Israel, na Turquia, Mesopotâmia e Egito. São representações de mulheres grávidas com seios, quadris, coxas, nádegas e vulvas exageradas, alcunhadas pelos arqueólogos de “Vênus”, designando que seria o ideal de beleza para o humano primitivo. No entanto, está mais do que aparente que essas obras têm um caráter devocional, considerando ainda suas posições em lugares sagrados e em sepulturas. Complementando, CAMPBELL diz: “Isso não é definitivamente uma obra de arte naturalista mas uma abstração concebida para representar uma declaração simbólica” (CAMPBELL, apud CABOT, 1990:21).

A terra, concebida como divina - considerada como tal por alimentar seus filhos humanos, como também fazia a mulher -, logo foi adorada como “a mãe terra”. Este culto teve seu esplendor no neolítico onde as sociedades matrifocais dominavam e coexistiu com o culto ao Deus cornífero. Quando da domesticação de animais, e a conseqüente observação da procriação dos mesmos, o homem descobre que a fêmea animal não gera sozinha. E se a fêmea animal não o faz, a fêmea humana também não. Conclui-se, então, que tanto a fêmea

¹ Universidade Católica de Pernambuco

humana quanto a terra funcionam como receptáculo do grão que lhes é introduzido. Daí surgindo o culto ao Deus de chifres, consorte da Deusa.

Com a revolução urbana, a expansão do patriarcado dos povos indo-europeus e a ascensão dos guerreiros, o culto a Deusa mãe sofre um declínio gradativo. Porém, nunca foi extinto, como afirma GIMBUTAS:

As regiões egéia e mediterrânea e a Europa Ocidental resistiu mais ao processo; ali especialmente nas ilhas de Thera, Creta, Malta e Sardenha, a cultura da Antiga Europa floresceu através de uma invejavelmente pacífica e criativa civilização até 1500 a.C, de mil a 1500 anos depois da transformação completa da Europa. Contudo, a religião da Deusa e seus símbolos sobrevivem como subcorrente em muitas áreas. (GIMBUTAS, apud, GRIMASSI, 2002:29).

As Deusas continuaram a habitar tanto os templos pagãos como a vida dos mesmos. Os mais antigos mitos da criação em todo o mundo, mostra CABOT, indica que o universo foi criado por uma divindade feminina:

Do noroeste da Índia chega-nos a história de Kujum-Chantu, a mãe divina, que criou as paisagens físicas da terra a partir das várias partes do seu corpo. Uma história pelásgica da criação, oriunda do Mediterrâneo oriental, explica como Euronímia, a Deusa de todas as coisas, deu existência à terra numa dança. Da Venezuela vem a história de Puana, a serpente que criou Kuma, a primeira mulher, de quem brotaram todas as coisas vivas e todos os costumes do povo Yaruros. (...) O povo Fon do Daomé reverencia Nan Buluku, a grande mãe que criou o mundo. Da antiga China (...) o universo tinha o formato de um ovo de galinha, contendo um misterioso *algo* ainda não nascido. Desse ambiente feminino brotou Fan Ku, o primeiro ser que criou a terra. (...) Um mito sumério explica como a Deusa do mar, Nammu, chamada “a mãe, a ancestral”, deu à luz os deuses. (...) Nas lendas hebraicas, o todo poderoso Jeová era originalmente a Deusa Iahu-‘Anat, um nome que, como Elizabeth Gould Davis nos diz em *The First Sex*, “foi roubado da Deusa suméria”. (CABOT, 1990:24-25)

O culto da bruxaria e outras tradições de mistérios floresceram até o século IV, quando da oficialização do cristianismo no Império Romano, a partir do Edito de Milão (313), expedido por Constantino. A partir daí, o patriarcado torna-se cruel para com a Deusa. Surge a figura máxima do Deus, pai supremo. Os pagãos² começam a ser caçados e seus templos destruídos ou convertidos em igrejas cristãs. Seus cultos começaram a ser praticados secretamente, no entanto, ainda não sofriam uma perseguição agressiva, no sentido de execução. Até que, segundo (HOLZER, 1972: 6-7), “as condições políticas tornaram imperativo para igreja suprimir a oposição, o termo pagão adquiriu um sentido perigoso” agora qualquer um que não fosse cristão era pagão.

No ano de 1233, o Papa Gregório IX instituiu o Tribunal Católico Romano conhecido como Inquisição, numa tentativa de terminar com a heresia. Para NOGUEIRA:

A conexão entre as práticas mágicas e a heresia, incluindo o culto ao Demônio, começa a tomar forma a partir do século XIV, dentro do processo iniciado pela Igreja de ocupar todo o espaço geográfico da cristandade, com a ortodoxia católica ameaçada por inúmeras heresias, divisões internas e as disputas com o poder temporal. (NOGUEIRA, 2004: 245)

Em 1320, a Igreja (a pedido do Papa João XXII) amplia os poderes inquisitoriais, permitindo uma repressão por parte deste tribunal às práticas mágicas e declara, segundo (DUNWICH, 2000:19), “oficialmente que a Bruxaria constituía um movimento herético e uma “ameaça hostil” ao Cristianismo”. Ela acrescenta que “antes de uma pessoa ser considerada herética, ela tem, primeiro, que ser cristã, e os pagãos nunca foram cristãos”.

Mas, é no início do século XV que começa a surgir uma perseguição sistemática à bruxaria, a imagem da bruxa voadora - que vai nutrir a grande caça às bruxas - e a formação de um estereótipo diabólico que começa a tomar corpo nos tratados dos inquisidores. (CF. NOGUEIRA, 2004: 59-60)

No entanto, mesmo diante da enorme perseguição que a antiga religião sofreu nesses séculos doentes, partindo diante da concepção de Jung e do psicólogo de arquétipos, James Hillman, que WOOLGER aborda em seu livro, dizendo:

² Na Roma antiga, *Paganus* era pronunciado para distingüir as pessoas das cidades das que residiam na capital. No período da Igreja medieval, eram referidas como pagãs aquelas pessoas que moravam no campo e resistiram à conversão cristã, já que permaneceram cultuando os antigos deuses. (CF. HOLZER, 1972)

Outra grande perda (se referindo ao culto a Deusa mãe) foi termos negado à psique seu anseio por uma salutar variedade em sua vida espiritual, um anseio outrora fartamente satisfeito pelo *politeísmo*, com seus muitos deuses, deusas, ninfas, fadas, demônios, gênios das águas e espíritos locais. Jung chegou a comentar que quando a multiplicidade de deuses nos é negada, “eles se tornam doenças”. (WOOLGER, 1987:19) observação entre parênteses da autora.

Percebe-se que ela sobreviveu, sendo praticada do modo mais secreto possível, segundo MICHELET, em seu livro *A feiticeira*, escrito em 1862:

“a multidão dos deuses indígenas, a população dos deuses ainda de posse da imensidade dos campos, dos bosques, dos montes, das fontes, intimamente confundidos com a vida da região. Esses deuses alojados no interior dos carvalhos³, nas águas ruidosas e profundas, não podiam ser daí expulsos.” (MICHELET, 2003:27)

Passados séculos de perseguição, é no final do século XIX que estudos sobre a bruxaria e as praticas mágicas vão começando a ser delineados. Charles Leland (1824-1903), em *Aradia-O Evangelho das Bruxas* (1889), estudou e pesquisou a bruxaria italiana. James Frazer (1854-1941), em *O ramo dourado* (1890), indicou a evolução do pensamento mágico no pensamento religioso. Esse dois trabalhos influenciaram os trabalhos de Gerald Gardner e outros antigos escritores da Wicca. Ainda nesse século, dito por (NOGUEIRA, 2004:84), “onde a exaustão de um otimismo liberal provoca o renascimento, em certos círculos seletos, do hermetismo e de seitas mágicas secretas”, é reconstituída, pelo dito continuador de Eliphas Levi⁴, em 1888, a OTO (Ordem do templo do Oriente); é fundada, em 1887, a Ordem Hermética da Aurora Dourada, possuindo membros como Bram Stoker⁵ e Aleister Crowley⁶.

No começo do século XX, o interesse pelo espiritualismo e metafísica, estimulados em parte pelos novos campos da psicologia e da antropologia, revela vozes como a de Madame Helena Blavatsky, Sigmund Freud e Carl Jung. Todavia, as obras que

³ É uma das árvores sagradas da Antiga Religião, longamente reverenciada e venerada como uma divindade através da maior parte da Europa continental e das Ilhas Britânicas. Os espíritos das florestas conhecidos como dríades protegiam o carvalho na mitologia grega. Vide Enciclopédia de wicca e bruxaria.

⁴ Clérigo renegado, cujo verdadeiro nome é Alphonse Louis Constant. Escreveu *Dogma e ritual de alta magia*.

⁵ O autor de *Drácula*

⁶ Foi um ocultista muito famoso, nascido e educado na Inglaterra, se mudando para a Sicília em 1920. Tornou-se mal afamado como um mago negro e satanista.

revolucionaram o pensamento da época sobre bruxaria foram de Margaret Murray (1863-1963), antropóloga, folclorista, arqueóloga e egiptóloga, aparentemente influenciada por Frazer. São elas: *O Culto das Bruxas na Europa Ocidental* (1921) e *O Deus das Feiticeiras* (1933). Ela concluiu que a bruxaria era uma religião organizada e difundida, enraizada no culto de fertilidade pagã européia, com raízes que se estendem de volta à era paleolítica e mostra de forma convincente que o Deus cornífero não era o Satã cristão. Também devemos crédito a Robert Graves (1895-1985), poeta e romancista, cujo livro *A Deusa Branca* (1948) foi de muita influência no desenvolvimento de muitas tradições modernas da bruxaria.

Foi na segunda metade do século XX que, finalmente revogadas as últimas leis contra a bruxaria na Inglaterra (1951), surgiu, pouco tempo depois, uma renovação do culto. Gerald Gardner (1884-1964), talvez a mais conhecida figura da bruxaria moderna, publicou os primeiros livros sobre a arte por um bruxo praticante, *Bruxaria Hoje* (1954) e *O Significado da Bruxaria* (1959), rompendo com as leis de segredo das tradições da bruxaria da época. Apesar de ter sido muito criticado por esta atitude, suas publicações deram impulso a um movimento religioso que até hoje não parou e continua a crescer cada vez mais.

Vamos agora nos situar no tempo e espaço. As décadas seguintes ao reaparecimento da bruxaria ajudaram na sua disseminação por todo o mundo. As novas tecnologias da comunicação permitiram o diálogo entre as mais diversas culturas, mas em especial o ar que se respirava era diferente. Sobre as décadas de 1950 e 1960, nos falamos HOLZER e GRIMASSI:

A década de 1950-1960 trouxe desilusões com as várias formas de estruturas governamentais, religiosas e filosóficas. Os jovens especialmente, voltavam-se para outros credos, procurando relacionar-se melhor com as divindades. Paralela ao nascente interesse no ocultismo, nova onda de seguidores e de adoradores dos costumes pagãos espalhou-se pelo mundo ocidental. (HOLZER, 1972:09).

Durante os anos 1950 e 1960, a Wicca cresceu e se desenvolveu em partes da Europa, nos Estados Unidos e na Austrália. Surgiram muitas revistas Wiccanas e neopagãs, criando uma rede para a comunidade pagã. Dois dos mais bem sucedidos periódicos eram *Green Egg* e *Circle Network News*, os quais ainda são publicações importantes. (...) A Wiccan Pagan Press Alliance (WPPA) serve atualmente como sistema de rede e apoio para escritores e revistas na comunidade pagã. (GRIMASSI, 2002:33).

A Wicca ressurgiu junto com uma nova geração, desejosa de uma espiritualidade alternativa e contestadora dos valores centrais da cultura ocidental. Fala-se de uma nova consciência, de uma nova era. Aos poucos, os meios de comunicação de massa começam a difundir um novo termo: contracultura. Esta foi caracterizada por ser composta de jovens da classe média urbana, desenvolvendo um estilo de vida e uma cultura *underground*. Os movimentos contraculturais que marcaram a década de 60 foram: o movimento hippie; a música rock; a movimentação nas universidades, representada pelos estudantes da nova esquerda e o maio de 68; viagens de mochilas; drogas; orientalismo, etc.

Descrente do futuro e desencantado com o presente, os jovens diziam que a sociedade e a cultura estavam doentes, e buscavam o desenvolvimento de formas sensoriais de percepção, contrária ao predomínio da racionalidade presente. Para melhor entendimento, cito as palavras de Luiz Carlos Maciel - que teve um papel fundamental na divulgação das idéias da contracultura no Brasil -, encontradas em PEREIRA:

A contracultura foi certamente propiciada pelas próprias doenças de nossa cultura tradicional. Tais doenças condicionaram seu surgimento, como um antídoto, ou anticorpo, necessário à preservação de um mínimo de saúde existencial, que passou a ser socialmente exigido pelo próprio instinto de sobrevivência de nossa vida em comum. Nossa cultura é ela própria, uma doença. Uma arte mórbida. O pensamento do século XIX tentou diagnosticar essa doença de diferentes maneiras. Chama-se “alienação”, de Marx- e “neurose”, em Freud. No marxismo é o resultado psicológico da exploração econômica; na psicanálise, o produto social da repressão dos instintos. Há de ser ambas as coisas-e mais ainda. (PEREIRA, 1992:16)

Fica evidente a saturação das normas tradicionais da sociedade judaico-cristã. O sujeito mostra sinais de descontentamento desde fins do século XIX, e a eclosão deste desagrado, ao que parece, foi aqui neste determinado momento da história. WOOLGER e WOOLGER comentam: “Em nossa reverencia exclusiva ao princípio paterno, em que suprimimos ou menosprezamos o feminino, acabamos provocando graves danos à nossa saúde psíquica individual e coletiva” (WOOLGER, WOOLGER 1987:21). Perante este pensamento, podemos dizer que o retorno à Deusa faria parte do antídoto desejado por este sujeito. Neste sentido, também o movimento da nova era sugere um reequilíbrio entre pólos, MAGNANI diz:

A nova era que agora se inicia é a Era de Aquário, trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural. De uma maneira geral, essas transformações são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre pólos. (MAGNANI, 2000:10)

O movimento da nova era foi seguinte ao da contracultura, contudo não é um mero fruto da efervescência desta; tem raízes na própria corrente do transcendentalismo norte-americano do século XIX. Nos anos 70, surgem incontáveis “comunidades rurais alternativas” em todo o mundo. É percebida uma contínua e profunda mudança de comportamentos e atitudes, em escala planetária. E, buscando instituir um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental, Fritjof Capra, cientista originário da física das partículas, lança o seu livro *O Tao da Física* (1974). No Brasil, essas novas idéias entram e se adaptam à realidade política e cultural. Segundo MAGNANI:

Nos anos 60, a agenda era marcadamente política e a juventude universitária, juntamente com o sindicalismo e organizações de esquerda, estava às voltas com as desigualdades sociais. É a partir dos anos 70, entretanto, com o fechamento dos canais de participação e a repressão dos movimentos populares, que se criam condições para o surgimento dos aspectos mais místicos e individualizados do movimento da nova era. (MAGNANI, 2000:15-16)

Mas, (MAGNANI, 2000:18-19) afirma que “sociedades iniciáticas estão presentes no Brasil desde pelo menos o século XVIII. É o caso, por exemplo, da maçonaria”, e cita diversos fenômenos vinculados ao movimento da nova era dessa época, e posteriormente. Faz menção também, claro, a Raul Seixas, “quem explorou explicitamente em suas composições aspectos mais místicos, chegando inclusive a participar, juntamente com o então parceiro Paulo Coelho, de sociedades iniciáticas”.

O surgimento de comunidades rurais alternativas reflete a busca de um retorno ao contato com a terra. Parece-nos que o ser humano não mais agüenta o distanciamento imposto pela cultura dominante, do arquétipo da mãe. Nesse momento, também vemos progredir o movimento feminista, que ganhou espaço com toda essa onda de mudanças da ordem vigente. Uma nova consciência feminina surge. WOOLGER comenta que outro segmento da população feminina também trouxe contribuições, além das politizadas feministas, são elas: “as muitas mulheres que vivem (inúmeras

vezes sozinhas) em semi-anonimato como poetisas ou artistas, escritoras ou musicistas - além daquelas que se mantêm discretamente em segundo plano como curandeiras, teraupetas, mães de santo de comunidades ou místicas” (WOOLGER, 1987:13)

Tudo parece conspirar para o florescer e disseminação da Wicca. Até a Igreja católica afrouxou seu preceito reacionário e obscurantista (que fora da Igreja não há salvação), com a aprovação no Vaticano II, em outubro de 1965, do importante documento *Nostra Aetate*, exortando os católicos a entrar em diálogo com as demais religiões e louvando suas realizações. (CF. MORAIS, 1995:242).

Muitos dos simpatizantes e ativistas do movimento da nova era e do feminismo deságuam na Wicca. Os seus ensinamentos e filosofia são adequados a esse novo contexto de mundo, o qual muitos denominam de pós-modernismo. Para MORAIS:

A situação em que agora vivemos demonstra um terceiro fato básico: o declínio da fé e a dessacralização do mundo vêm produzindo efeitos destrutivos em nossa vida e estrutura social, demonstrando que uma religião viva e dinâmica é essencial a vida e à saúde da humanidade. O estado atual da sociedade tecnológica e capitalismo consumista marca uma desintegração alarmante de valores e padrões de conduta, enquanto a poluição e espoliação de recursos naturais põem em perigo o próprio planeta em que vivemos. (MORAIS, 1995:238)

O divórcio que o homem realizou da mãe terra, com o pai sol, sem dúvida, o fez ficar isento de preocupações com o bem-estar e saúde da terra. Ela foi dessacralizada. Como já foi mostrado, conseqüentemente, o homem também ficou doente e hoje precisa de uma religião viva e dinâmica. A base do culto da Wicca é a adoração e veneração da natureza, por isso não é de se estranhar que ela esteja tão adequada às ansiedades do sujeito atual. Seus seguidores vivem intensamente a cada dia a religião, e não se restringindo a um dia da semana. Para melhor compreensão dos princípios da Wicca, citarei PRIETO:

Os propósitos da Wicca são mostrar ao homem a necessidade da reconexão com a natureza, da harmonia com os ritmos e ciclos naturais do sol e das estações e da busca de um novo equilíbrio com o seu meio. A Wicca não se embasa em uma teologia unitária nem possui gurus ou mestres cujas “verdades” são incontestáveis; ao contrario, firma-se na sensibilidade de cada pessoa que tenha o coração aberto para ouvir os Antigos Deuses e seguir seus caminhos, que buscam a harmonia com a vida. (...) A alegria e

satisfação de viver são as bases da bruxaria, pois ela é uma Religião de amor e prazer que permite a manifestação da individualidade como é sentida, mas que também encoraja a responsabilidade social e ambiental. (PRIETO, 2002:17)

A tradição de mistérios dentro da religião wiccana teve origem na cultura neolítica da grande Deusa da antiga Europa. Os ensinamentos misteriosos migraram da região egéia à mediterrânea, ingressando na Itália, se mesclando às civilizações etrusca e romana, seguindo à Europa setentrional, onde foi abraçada pelos celtas que incorporaram a seu próprio sistema de crenças, o que se tornou o que convencionamos chamar de “tradição dos mistérios wiccanos”. (CF. GRIMASSI, 2002)

Com o retorno da antiga religião, percebemos que a cultura que mais foi abordada foi a celta. A maioria das pessoas associa automaticamente a Wicca aos Celtas, no entanto, como Grimassi aborda em seus livros, muito dos ensinamentos celtas vêm de tradições do mediterrâneo. Ele diz que algumas das mais poderosas influências que moldaram as crenças celtas nas Ilhas Britânicas foram: “o xamanismo eurasiático, o Culto aos Mortos, a Fé nos Espíritos das Fadas, o paganismo italiano, a invasão da cultura Kurgan, os mistérios do caldeirão”. (GRIMASSI, 2002:175). Percebemos assim que, mesmo o wiccano que deseje seguir a tradição celta, vai estar automaticamente celebrando cultos de toda Europa.

Mas assim como a tradição celta, existem culturas européias com suas peculiaridades e seus próprios sistemas religiosos praticados por seus habitantes e por pessoas que sentem atração pelo culto. A *Stregaria*, que é a bruxaria italiana, de características tradicionais e hereditárias, é uma das mais famosas. Muito se diz que bastante do que Gardner reuniu em seus escritos proveu da *Stregaria*.

Indo mais além, também se tem referências na Wicca da cultura egípcia e dos povos da história antiga, em geral. O adepto é livre para adotar mitos de diversos povos que adoram os antigos deuses, servindo como fonte de inspiração em suas cerimônias, mas que tenham em seus princípios os valores adotados na Wicca. Em seguida, apresentarei os parâmetros gerais seguidos pelos wiccanos, encontrado no livro “Wicca Brasil”, de CERIDWEN:

- 1) Culto à Deusa Tríplice e Seu Consorte, ou seja, aos Deuses antigos;
- 2) Iniciação;

- 3) Respeito ao conselho Wiccaniano: “Faça o que quiser, se a ninguém prejudicar”;
 - 4) Submissão à Lei Tríplice;
 - 5) Respeito absoluto à vida;
 - 6) Crença na reencarnação;
 - 7) Crença na Grande Teia universal;
 - 8) Ausência de preconceitos e aceitação da diversidade
 - 9) Celebração dos ciclos da Natureza;
 - 10) Prática de magia natural;
 - 11) Proibição completa de proselitismo;
- (CERIDWEN, 2003: 24)

A Wicca saiu da Europa e se disseminou no resto do mundo. O Brasil não ficou de fora na assimilação desta religião. Adaptou suas práticas ao hemisfério sul, que possui o ciclo da natureza inverso ao hemisfério norte, e a cada dia cresce mais e mais. Contudo, nos últimos anos surgiu a indagação de que se a Wicca é apropriada ao Brasil.

Muito deste pensamento é baseado na questão do estrangeirismo e no raciocínio de que Wicca é religião da terra, e, pois, festejar deuses estrangeiros não é celebrar a terra do Brasil. Mas, como explica (CERIDWEN, 2003:30), “Wicca é a religião da terra inteira, nosso planeta, e não deste ou daquele país”, e acrescenta: “Eu sou pagã hoje no Brasil e descubro a riqueza da minha terra, da herança indígena às contribuições européias e africanas, e as honro em meus rituais sem esquecer que a Deusa não tem nacionalidade e fala todas as línguas”. (CERIDWEN, 2003:18). A Deusa pode ser cultuada pelos seus “Dez Mil Nomes”- referência que os wiccanos usam para nomear sua Deusa - todavia ela é uma só.

A identidade do wiccano, portanto, engloba não uma única nacionalidade, mas várias. Ele se sente filho da mãe terra, como um todo, e não de sua nação materna. Com esse pensamento, o seguidor da Wicca - do inglês arcaico *Wicce*, sendo “girar, dobrar, ou moldar”, uns dos significados - se sente na responsabilidade de transformar e cuidar da terra. Em seu significado de “sábio”, o wiccano busca o conhecimento nas mais diversas fontes e é um assíduo pesquisador da sua religião e das práticas mágicas, tradições de mistérios, esotéricas etc. Sendo assim, pode-se dizer que a Wicca emerge na sociedade contemporânea pós-moderna e resgata identidades culturais perdidas, ou distantes. Globaliza, cria sincretismos e dinamiza o saber.

A consciência de uma bruxa não está restringida ao tempo presente estende-se até as fronteiras mais recônditas do universo e os extremos da experiência humana. Como bruxa, sempre tive o desejo de vivenciar o passado e o futuro, de conhecer donde viemos e para onde estamos caminhando. Muitas bruxas sentem o mesmo. (CABOT, 1990:282)

Referências

CABOT, Laurie. **O Poder Bruxa**: a terra, a lua e o caminho mágico feminin - 13.ed.- Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

CAMPBELL, Joseph. **The Way of the Animal Powers**. São Francisco: Harper & Row, 1983.

CERIDWEN, Mavesper. **Wicca Brasil**: Guia de Rituais das Deusas Brasileiras. - São Paulo: Gaia, 2003.

DAVIS, Elisabeth Gould. **The First Sex**. - Nova York: Penguin Books, 1971

DUNWICH, Gerina. **Wicca a Feitiçaria Moderna**: o livro de ervas, magias e sonhos – 6 ed. - Tradução de Ângela do Nascimento Machado. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

GIMBUTAS, Marija. **The Language of the Goddess** - New York: HarperCollins, 1991.

GRIMASSI, Raven. **Enciclopédia de Wicca e Bruxaria**. Tradução Marcelo Giusepp Lechinsky. São Paulo: Gaia, 2004

_____ **Os Mistérios Wiccanos**: antigas origens e ensinamentos - 3 ed.- Tradução Cláudio Crow Quintino. São Paulo: Gaia, 2002.

HOLZER, Hans. **Os Novos Pagãos**, Tradução de Marli da Silveira Pereira. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1972.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era** - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000

MICHELET, Jules. **A Feiticeira**. Tradução de Ana Moura. São Paulo: Aquariana, 2003 - (Lado B).

MORAIS, Vamberto. **A Religião do Terceiro Milênio**: uma visão moderna da espiritualidade - São Paulo: IBRASA, 1995.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **Bruxaria e História**: as práticas mágicas no ocidente cristão - Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura** - 8 ed.- São Paulo: Brasiliense, 1992.

PRIETO, Claudiney. **Wicca, a Religião da Deusa**- 4 ed.- São Paulo: Gaia, 2002

WOOLGER, Jennifer Barker e WOOLGER Roger J, **A Deusa Interior**: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. Tradução Carlos Afonso Malferrari. São Paulo: Cultrix, 1987.